

EXTRATORES DE PINHO

As extensas e magníficas florestas do Brasil representam uma de suas mais abundantes riquezas naturais. Não é o Amazonas com sua majestosa floresta de 168 milhões de hectares, nem o Pará com 92 milhões de hectares cobertos de densa mata e nem Mato-Grosso com 60 milhões, os maiores Estados exportadores de madeira, com exploração organizada, como se poderia supor. Mas, é no sul, onde se levantam os extensos e verdes pinhais, que encontramos as únicas florestas do Brasil exploradas, economicamente, para produção de madeira em larga escala.

Estendendo-se dos 21° aos 30° de latitude sul, cobrindo uma área, segundo ROMÁRIO MARTINS, de "80 milhões de hectares, sendo que mais da metade dessa superfície (55%) no Paraná e a restante nos Estados de Santa-Catarina, Rio-Grande-do-Sul, Minas-Gerais, Mato-Grosso e São-Paulo", constituem os pinhais uma fonte apreciável de riquezas, capazes de modificar, por si só, a situação econômica das regiões onde se desenvolvem e são explorados.

A bela e majestosa conífera, o gigante da Curiirama, que constitui a fisionomia vegetal característica do planalto meridional, pode ser comparada, economicamente à extraordinária carnaubeira do Nordeste, a "árvore-providência", pois, tal como nesta, na Araucária tudo pode ser aproveitado: a madeira, não só é de grande beleza, como tem tôdas as condições de elasticidade e resistência, podendo ser utilizada em obras de marcenaria, carpintaria, vigamentos, caixotaria, etc; a fibra é considerada das melhores, para a fabricação de papel; a resina aproveitada industrialmente produz alcatrão, breu, pixe; os "nós", que saem da base dos ramos do pinheiro têm larga aplicação em pequenos objetos de luxo e o seu poder calorífico é comparável ao do carvão de pedra; a casca e os galhos podem também ser utilizados como combustível e, finalmente, sua semente, o "pinhão", grandemente substancial e de sabor excelente, constitui alimento muito apreciado pelo homem do sertão. Pode substituir o milho na engorda de porcos e, além disso, sendo o "pinhão" rico de amido fornece excelente farinha.

Unindo tão preciosas qualidades e variadas aplicações à facilidade de exploração, pois, formam, geralmente, matas compactas e homogêneas, tornou-se o pinho do Paraná, dentre tôdas as riquezas florestais brasileiras, a mais cobiçada e explorada.

Desde que os "madeireiros" abandonaram a exploração do pau-brasil, pela extinção das matas, ainda no tempo do Brasil-Império, desviaram suas atividades para os imensos pinheirais, conforme o esclarece BALTASAR DA SILVA LISBOA no seu livro Riquezas do Brasil, "em madeiras de construção e carpintaria". Foi, assim, que o pinho se tornou a maior vítima da exploração imoderada de "madeireiros" gananciosos, meros exploradores que, visando, apenas, ao lucro imediato e sem esforço e não se preocupando, em absoluto com o replantio da espécie, destruíram imensos pinhais deixando as terras inaproveitadas e entregues à invasão da bracatinga "podendo dar origem a formações acatingadas extensas, um tipo especial de caatingas de Mimóseas" (A. J. SAMPAIO).

Atualmente, com a difusão dos conhecimentos relativos à conservação dos recursos naturais, graças à orientação do Instituto Nacional do Pinho está-se processando, em certas regiões do sul, uma exploração racional e econômica dessa nossa imensa riqueza, sem que as fontes naturais que a constituem sejam extintas.

Sendo, pois, esta uma das atividades extrativas mais intensas e rendosas nos Estados do Sul, principalmente no Paraná, interessante se torna observar as condições de vida e de trabalho dos extratores da preciosa madeira.

O pinhal adquirido pelo "madeireiro" para ser explorado conta, nunca menos de 5 000 pés, pagando aquêlê determinada quantia por indivíduo, geralmente, com exclusão da terra. As vezes, é o mesmo proprietário do pinhal que o explora, vendendo os toros já prontos para serem serrados. Em qualquer dos casos os extratores trabalham por empreitada.

O pinhal encerra, no seu conjunto, uma intensa atividade humana. As serrarias para beneficiamento da madeira, instaladas no seu interior ou nas adjacências, com tôdas as suas dependências, os galpões, as casas de madeira dos trabalhadores, com seus "terreiros" e diminutas hortas têm todo o aspecto de pequenas e movimentadas vilas.

O trabalho de extração do pinho, bastante rude e pesado, requer sempre para sua execução homens fortes, peritos e afeitos à vida difícil e cheia de imprevistos das matas.



PERCY ...

Desbravando a mata, abrindo "picadas" vai, na frente, o "marcador" que munido de facão de mato, foice ou machado assinala com talho feito na casca do pinheiro aqueles que devem ser abatidos, fazendo ao mesmo tempo a sua classificação de acordo com a grossura: pinheiro de 1", 18 polegadas de diâmetro, livre de casca e medidas 1 metro acima do solo; pinheiro de 2", 12 polegadas; pinheiro de 3", 8 polegadas. Faz-se, assim, a derrubada selecionada, em vez do arrasador "clear-cutting" dos americanos

Os "toreiros", encarregados da derrubada e preparo dos toros são, geralmente, 3 homens fortes e acostumados ao trabalho braçal. No início da semana, partem eles para o interior dos pinhais, onde permanecem até o sábado à tarde entregues à sua faina extrativa, ficando alojados em toscos ranchos de madeira

Entrando em atividade um dos "toreiros", depois de limpar com a foice todo o mato que, em volta do pinheiro, pode dificultar o trabalho, inicia a derrubada fazendo, com golpes certos do machado, a "barriga", corte inicial do lado em que se pretende derrubar a árvore e que não atinge nunca mais do que 1/4 do seu diâmetro. Munidos da serra traçadeira manual, num movimento contínuo de vai-e-vem, os outros dois "toreiros" começam a trabalhar. De repente, a gigantesca conífera, oscila, balança, inclina-se e cai fragorosamente ao chão

Em seguida, procedem eles ao "descascamento", muito fácil no verão, quando a casca se desprende com grande facilidade, e ao corte do pinheiro, comumente, em 4 toros de 3 a 5 metros, sendo que no Rio-Grande-do-Sul os toros medem 5,50

Estes três extratores constituem uma "turma de toreiros", que trabalhando por empreitada ganham no Paraná Cr\$ 0,10 por polegada de toro pronto para a serração na serraria, fazendo uma renda diária de Cr\$ 45,00 a Cr\$ 60,00 (1941). O produto é dividido igualmente entre os três. Naturalmente, tal remuneração não é fixa, variando de uma região para outra

Estas "turmas", têm sempre um chefe, que é o "toreiro" mais instruído e melhor conhecedor do trabalho. Às vezes, é o chefe que recebe a remuneração por empreitada, pagando aos companheiros por dia de trabalho nunca mais do que Cr\$ 10,00

Depois de prontos os toros, entra em atividade o "estaleirador" ou "boiadeiro", que auxiliado por um rapazola, depois de ter prendido os toros com correntes de ferro leva-os "de arrasto", puxados por 4 bois, a uma clareira onde os toros estaleirados ficam esperando transporte para a serraria em carros de tração animal ou caminhões. Na serraria são os toros industrializados e transformados em tábuas, pranchas, vigas, laminados, etc. e exportados para consumo

O "estaleirador" trabalhando, também, por empreitada auferi uma renda diária variável de Cr\$ 50,00 a Cr\$ 100,00, quando os bois e ferramentas pertencem ao dono da serraria e mais de Cr\$ 100,00 quando de sua propriedade

A melhor época para a derrubada do pinho é de maio a agosto, sendo aconselhável também a sua extração durante o quarto minguante e lua nova, pois, estas fases lunares parecem coincidir com o mínimo de seiva no tronco, o que permite à madeira secar mais depressa, e impede de ser atacada pelos insetos e de se fender sob o efeito da contração dos tecidos. Porém, estes preceitos raramente são levados em conta pelos extratores

Os "extratores de pinho", em geral, associam a exploração da floresta com a cultura de hortas, roças de milho e pequenas criações de galinhas, porcos e cabritos. A estas atividades dedicam eles as suas horas de folga sendo, eficazmente, auxiliados pela mulher e pelos filhos. Os que exercem essa dupla atividade são, comumente, descendentes de estrangeiros, alemães, poloneses e italianos

No entanto, entre os "extratores" existem muitos que nada plantam e nada criam vivendo, exclusivamente, do salário

Joviais e alegres, fazem eles, de vez em quando, as suas festas, desmanchando as paredes de divisão interna da casa maior, que transformada em um grande salão, se anima ao som das melodias dolentes da gaita e da sanfona

A tanta atividade, a tanto movimento, quando o pinhal desaparece, sucede o abandono e a devastação, resultantes desta ocupação efêmera. Ranchos abandonados, pinhais devastados, marcam a esteira dos "madeireiros" e "extratores" que, sem se apeçarem à terra, seguem para diante, em busca de inexplorados pinhais

ELZA COELHO DE SOUSA